

JÔNATAS CONCEIÇÃO

Florentina Souza

*Quando eu morrer,
não me botem num caixão preto;
pecador não sou.*

*Quando eu morrer,
não me botem num caixão branco;
anjo não sou.*

*Quando eu morrer,
me enterrem num caixão todo-verde
e nas manhãs de sol me molhem.*

Jônatas Conceição

Jônatas Conceição da Silva por mais de vinte anos foi professor da Rede Pública do Estado da Bahia e, como professor de língua portuguesa, muito se dedicou a difundir entre os estudantes informações sobre a cultura negra e, principalmente, empenhou-se em contribuir para o fortalecimento da autoestima dos jovens afro-brasileiros, incentivando-os, atuando junto aos colegas professores, realizando atividades de formação docente, de pesquisa e extensão na Liberdade e em vários outros bairros populares de Salvador. Como intelectual militante, exerceu com entusiasmo o papel de coordenador de atividades culturais no bloco afro Ile Aiyê, do qual foi diretor e onde coordenou numerosos trabalhos de pesquisa sobre história da África, história do negro no Brasil e literatura afro-brasileira.

A maior parte desses trabalhos tinha por objetivo fundamentar a produção de material didático-pedagógico para professores de escolas públicas utilizarem nas salas de aula. Quando o Ilê criou sua escola, em convênio com a prefeitura, Jônatas assumiu a coordenação do Projeto de Extensão Pedagógica – PEP, que “tem por objetivo central construir uma pedagogia educacional que tenha como base o resgate das raízes da cultura africana e suas influências no Brasil, a partir da perspectiva

de uma sociedade pluricultural”.¹ O PEP produziu os chamados *CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO ILÊ AIYÊ*, para subsidiar os conteúdos curriculares com temas e informações sobre a história da África e da diáspora. Uma educação voltada para as relações étnicorraciais era, para ele, o desafio a ser enfrentado por estudantes, professores e toda a sociedade brasileiras. Foi radialista e produtor de programas sobre aspectos da cultura negra na Rádio Educadora, onde trabalhou durante muitos anos.

Jônatas estudou somente em escolas públicas: concluiu o curso pedagógico no então renomado Instituto Central de Educação Isaias Alves – ICEIA, para onde retornou posteriormente como professor. cursou letras vernáculas com francês no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA e começou um mestrado em linguística na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, que resultou na monografia “A crase não foi feita para humilhar ninguém”, de 1986. Retornou para a UFBA, não sem hesitação, a fim de realizar estudos de mestrado, concluídos em 2004, prosseguindo para o doutorado, que não teve tempo de concluir. Sua dissertação foi publicada com o título *Vozes quilombolas: uma poética brasileira*. Em 2005, foi aprovado em concurso da Universidade Estadual da Bahia – UNEB para professor de literatura, tendo exercido as atividades docentes no *campus* de Euclides da Cunha.

No Movimento Negro Unificado – MNU, Jônatas militou desde a fundação, e foi um dos responsáveis pela edição do *Jornal Negro*. Escreveu, na introdução de seu livro, *Vozes quilombolas*:

Quando voltei a morar em Salvador, a partir de outubro de 1979, comecei a fazer a opção, a coisa certa, que as mesmas forças ocultas que me levaram para o ato do MNU² queriam que fizesse. Dedicar-me, completamente, para ao processo de reconstrução e consolidação do Movimento Social Negro

o que fez, aliando suas pesquisas e sua escrita à militância. Investigou tanto a história do Movimento Negro quanto a produção de artistas,

¹ Jônatas Conceição da Silva, *Vozes quilombolas: uma poética brasileira*, Salvador: Edufba, Ilê Aiyê, 2004, p. 67.

² Refere-se ao ato público de fundação do MNU, ocorrido em 7 de julho de 1978 nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo.

intelectuais e escritores negros/as. Eram poucos os livros e os jornais sobre o tema que ele não possuía, ou não soubesse onde encontrar, e os que tinha, generosamente, compartilhava. Tive a oportunidade de desfrutar da sua bondade, tanto por ocasião do meu doutorado, quanto durante o período em que ele participou, como pesquisador, do projeto EtniCidades, que coordeno no Instituto de Letras da UFBA.

Desde a década de 1970, Jônatas publicava textos em jornais e revistas, nos quais podemos constatar o compromisso com a pesquisa e a sensibilidade de criador, além da dimensão militante. Organizou um volume comemorativo dos 10 anos do MNU, por exemplo. Dentre os veículos de divulgação de seus textos, destaco a Série Arte e Literatura, publicada pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA – CEAO, que conta com uma participação dele no volume 1, de 1982, com um poema, e, no volume 5, de 1990, com um conto. Com apoio do mesmo CEAO, organizou, juntamente com Lindinalva Barbosa, dois volumes da coletânea *Quilombo de Palavras*, publicados entre 1998 e 2000. Sua atividade de escritor o levou a unir-se ao Grupo de Escritores Negros de Salvador – GENS, ao lado de outros poetas, como Nivalda Costa e José Carlos Limeira. Participou com poemas e contos de vários números dos *Cadernos Negros*. Publicou o ensaio *Reflexões*, sobre o ensino de português para a escola comunitária, em 2002, e ainda dois livros de poemas, *Miragem de engenho* e *Outras miragens*.

Os quilombos, suas representações e os sentidos a eles conferidos pelos movimentos negros constituem um dos eixos básicos das pesquisas que realizou para escrever sua obra poética e ensaística. Visitou o sítio de Palmares, na Serra da Barriga, o Quilombo de Rio das Rãs, no vale do São Francisco. Em *Vozes quilombolas* analisa detalhadamente textos literários e letras de música que recriam e reconfiguram os quilombos como símbolos da inventividade e da resistência negras. Seu contato com o quilombo e suas representações se deu a partir do empenho do poeta Oliveira Silveira para que os movimentos negros brasileiros celebrassem o 20 de Novembro, data da morte de Zumbi, como Dia da Consciência Negra. A partir de então, com o lema “Zumbi é o senhor dos caminhos”, título de um dos seus poemas, os quilombos passaram a fazer parte constante de suas pesquisas, suas poesias, suas leituras e seus estudos.

Leitor de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, amante de samba e da música de Roberto Carlos – o que causava estranheza a alguns desavisados –, sua poesia reflete seu jeito de ser: simplicidade, economia e cuidado com a palavra, emoção e certa contenção triste. Para ele, a poesia, além de pertencer ao campo do sensível, é capaz de provocar alterações individuais e coletivas. Na apresentação de seus textos, nos *Cadernos Negros*, n.º 29, afirma: “Sinto que a poesia é responsável pela delicadeza e a mais plena humanização do planeta. Os poetas da oralidade, os que compõem para música no Brasil, são os nossos educadores maiores.” Essa compreensão, provavelmente, foi responsável pelo fato de, em sua dissertação de mestrado, Jônatas ter escolhido, como parte do *corpus* a ser analisado, letras de música de compositores do bloco Ilê Aiyê. Essas letras, no seu entender, constituem, junto com os textos de autores afrodescendentes, o que chamava de “quilombo literário”. Essa preocupação amorosa/militante com a tradição oral parece ter sido despertada, segundo afirmou em 1978, quando, em São Paulo, assistiu às congadas, que o “motiva[ram] a estudar e pesquisar, dali por diante, a cultura popular brasileira”. Na linha de elogio à oralidade, apresentou, no I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros, realizado em 1985, um texto intitulado “A traição da tradição oral”, no qual, reportando-se a escritores africanos, mais precisamente Hampaté Ba e Ali A. Mazrui, procurou demonstrar a força da tradição oral nas culturas africanas para concluir apontando a necessidade de escritores negros, mesmo fazendo uso da tradição escrita, não abandonarem o sotaque da tradição oral:

[...] a tarefa do escritor negro brasileiro é desafiadora. Ele convive entre a memória e os recentes códigos [...]. Ao escritor cabe furar o bloqueio que impede o acesso da comunidade negra ao Saber. Ele fará isto [...] na medida em que desmistifique o culto pelo culto da tradição oral e também na medida em que seu texto aponte para soluções, dúvidas, questionamentos e direções de um Saber popular, diversificado e democrático.³

Se, por um lado, amava Itapira, cidade a que dedicou um poe-

³ Miriam Alves, Luiz Silva Cuti, Arnaldo Xavier (orgs.). *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: Secretaria do Estado de Cultura; Imprensa Oficial, 1986, p. 104.

ma⁴ e que o despertou para o estudo da cultura afro-brasileira, por outro, Saubara, no recôncavo baiano, era a cidade mais querida, onde pretendia aposentar-se para escrever à sombra das mangueiras ou à beira-mar, e para ela publica três poemas: “Estampas de Saubara” I e II e “Saubaras invisíveis”. Em ambos, representa a sua Saubara com frutas, mar, tranquilidade, areias, barcos... Não sei como Jônatas ali chegou, talvez levado pelos amigos de Santo Amaro, talvez pelos caminhos do destino e do mar... Porém, “Saubaras invisíveis” ensina como chegar ali: “pelo caminho do mar”, “por via de muitos rios”, “pelo primado da fé” ou, enfim, pelos vários caminhos percorridos pelo poeta, professor, intelectual, militante.

Chega-se, finalmente, a Saubara pelo primado da fé.
Seus marujos e rezadeiras procuram, há muito,
o caminho da salvação.
Seus filhos e netos, há pouco, descobriram outros
Caminhos...
Procuram, pela novidade alheia, desesperadamente,
outra cidade inventar.
Os perseguidores da fé a tudo ver – oram, choram
 (“São Domingos que é de Gusmão que nos vele”)
As chamas das velas revelam.

Memória e poesia se misturam, memória afetiva, coletiva e individual, num desejo de atribuir sentido a fatos, a sentimentos, a imprecisões da vida. Se, como afirmam alguns, a poesia, como filha de *mnemosyne*, é a arte da memória, os versos de Jônatas Conceição ratificam a proposição: por um lado, reiteradamente, empenham-se na memória da história dos afro-brasileiros, enfatizando os quilombos, seja de Palmares, Rio das Rãs ou os “Novos palmares [que] também crescem / arejando cabeças trançadas / trazendo novas verdades”, como diz seu poema: “No Nordeste⁵ existem Palmares”; por outro lado, seus versos propiciam leituras de sua vida na escola, no bairro, experiências que são represen-

⁴ Refiro-me ao texto intitulado “Itapira revista”, publicado em J. C. *Miragem de Engenho*. Salvador: Instituto de Rádiodifusão Educativa da Bahia, 1984. p. 63.

⁵ Nordeste que podemos ler como região do Brasil ou, mais localmente seguindo sugestão do texto como Nordeste de Amaralina – populoso bairro popular de Salvador.

tadas em poemas como “O primeiro sapato”, “O primeiro trabalho”, “A máquina de escrever” e outros, que relembram episódios da infância.

Tímido, calado, um homem de poucas palavras, como já o disse alguém, no poema “Ginásio” evoca a adolescência no colégio público e a descoberta de que a poesia seria o meio mais eficiente de comunicar-se consigo e com outros:

No mar azul das saias plissadas
Meu olhar quase infantil apenas via pernas brancas;
No ICEIA não descobri o amor
O pecado reinava em mim.
Fiz o que a minha pequenez permitiu:
Descobri o vasto mundo das palavras
Afoguei-me nas eternas emoções do brincar
E para sempre aprendi que as palavras
Carregam ilusão.⁶

Pedaços da memória pessoal vão sendo costurados nos livros *Miragens do Engenho e Outras miragens*, construindo um mosaico artístico-biográfico que, a pensar com Oliveira Silveira, é “uma das formas de não morrer inteiramente. Jeito de ir ficando por aí entre os vivos neste mundo único,” neste mundo onde as tradições cristãs e de matrizes africanas se entrelaçam. As festas de Santo Antônio e de São João, no Engenho Velho, a festa de Iemanjá, os ensaios do Ilê, o amor estão sutilmente, ou às vezes nem tanto, presentes no conjunto de seus poemas, constituindo uma antologia de sua memória poética ou uma poética da memória introspectiva, alegre, de uma alegria sempre contida, às vezes contraditoriamente melancólica, a contenção também de uma sensibilidade aguda, fina e imensa ou, deixando que ele mesmo descreva: “Este existir contido; / que me faz preservar /o mel produzido / no medo das incertezas cotidianas.” Com as palavras compõe a memória, a vida: “Aquele alfabeto foi amargo e difícil / mas seu aprendizado ensinou-me o amor e o ódio / o pão e o patrão.”

Jônatas Conceição da Silva é o filho caçula de uma família de

⁶ Jônatas Conceição da Silva e Lindinalva Barbosa, *Quilombo de palavras: a literatura dos afro-descendentes*, 2ª ed. ampl., Salvador: CEAO/UFBA, 2000, p. 27.

muitos irmãos. Nasceu em Salvador, no bairro de Engenho Velho de Brotas, no dia de Nossa Senhora da Conceição, 8 de dezembro, em 1952. Ali também morava com sua esposa Luiza Passos e seu filho Kaiodê. Escritor, professor, militante, intelectual insurgente, introspectivo e amigo afetuoso. Amante da poesia, da cultura e da educação populares, do cinema, do futebol, do Ilê, do carnaval, do samba...

Em janeiro de 2009, com o falecimento do poeta Oliveira Silveira, Jônatas escreveu um belo texto sobre o gaúcho, em que pede:

Não chorem por Oliveira. Os escritores não morrem. Os poetas são para serem lidos, relidos e divulgados *à mão cheia*. Principalmente um escritor que nos deu Palmares de volta. É recomendação: leiam os seus textos em salas de aulas, os reproduzam para a garotada, de todas as matizes étnicas. A memória literária/histórica, assim, sempre estará sendo alimentada⁷ [grifos do autor]

De fato, os poetas não morrem... tanto que, três meses depois do pedido acima, o cantor, que “tenta escrever linhas / sem sangue dor conformismo”, vira estrela e decerto continua calmamente brincando com as palavras.

Textos selecionados

Miragens de engenho (poemas) Salvador: IRDEB, 1984.

“A traição da tradição oral”, in *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: Secretaria do Estado de Cultura; Imprensa Oficial, 1986, p. 101-105.

Outras miragens & miragem de engenho, São Paulo: Confraria do Livro, 1989.

Quilombo de palavra: a literatura dos afro-descendentes, Salvador: CEAO, 2000 (org.).

Vozes quilombolas: uma poética brasileira, Salvador: EDUFBA, Ile Aiyê, 2004.

Cadernos de Educação do Ilê, de 1995 a 2007.

⁷ *Irohin*. v. 13, n. 24 (2009), p. 35.